

O QUE REVELAM DADOS DE ESCRITA DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN?

BOEMEKE, Fernanda Soares¹; CANIELA, Marília de Almeida²; RANGEL, Gilsenira de Alcino³

¹Universidade Federal de Pelotas / Faculdade de Educação – Curso de Pedagogia; ²Universidade Federal de Pelotas / Faculdade de Educação – Curso de Pedagogia; ³Universidade Federal de Pelotas/ Faculdade de Educação, Departamento de Ensino. fernandasboemeke@hotmail.com, malmeidacaniela@hotmail.com, gilsenira_rangel@ufpel.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

No trabalho, apresentamos uma análise do processo de aprendizagem da escrita por duas crianças com síndrome de Down (SD). O texto é um recorte da pesquisa Aquisição Fonológica e Aprendizagem da Escrita por crianças, jovens e adultos com Síndrome de Down, que visa descrever e analisar o processo da linguagem oral e escrita desses sujeitos.

A síndrome de Down é caracterizada por uma alteração genética no par cromossômico 21, em lugar de 46 cromossomos, há 47. O sujeito com síndrome de Down tem um desenvolvimento contínuo, por isso é importante que seja estimulado desde a infância a pensar e a expressar o seu conhecimento, descobrindo novas alternativas para desenvolver o seu aprendizado.

Segundo o estudo de Faria (1993), foi observado que as crianças com SD também apresentam avanços relacionados com a leitura e a escrita, passando pelas mesmas fases que as crianças “normais” para tais aquisições. O mesmo é reforçado por Rangel (2006), que afirma em seu estudo ser possível observar, os mesmos níveis de conceituação da escrita descritos por Ferreiro e Teberosky (1999), para crianças com desenvolvimento “normal” em dados de sujeitos com SD.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Neste trabalho serão apresentados dados da escrita de duas crianças na faixa etária de 11 a 12 anos. A coleta de dados ocorre na casa dos informantes, bimestralmente, e são gravadas em áudio.

Os dados foram obtidos por meio de aplicação de um teste de escrita que pode ser caracterizado por quatro palavras e uma frase baseado nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999). Os testes consistem em ditar para os sujeitos quatro palavras do mesmo campo semântico e uma frase. Para a primeira e a segunda análise do Sujeito 1 as palavras ditadas foram: cotovelo, cabelo, boca e pé e a frase foi: O cabelo é bonito. O Sujeito 2, as palavras do primeiro teste foram as mesmas e a frase também. Já o segundo teste do Sujeito 2 as palavras foram: elefante, macaco, vaca e boi e a frase foi: O elefante é grande. Após a realização dos testes os sujeitos eram convidados a lerem as palavras que haviam escrito.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados apresentados a seguir foram produzidos por dois sujeitos analisados e visam exemplificar o processo de construção da escrita, mostrando algumas evoluções desses sujeitos.

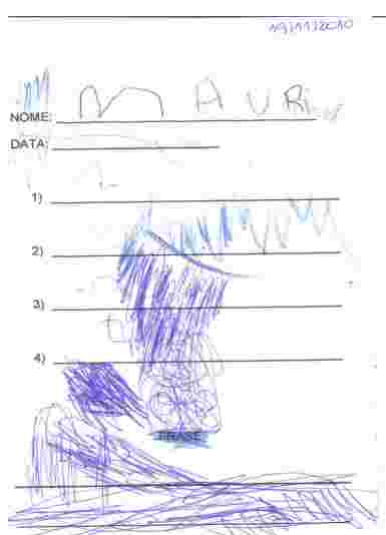


Figura 1: Teste 1, Sujeito 1



Figura 2: Teste 2, Sujeito 1



Figura 3: Teste 1, Sujeito 2

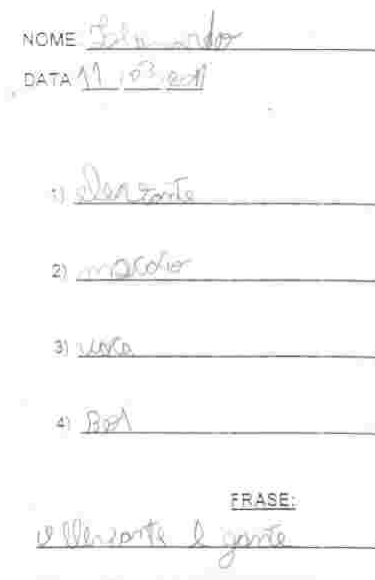


Figura 4: Teste 2, Sujeito 2

Observemos as Figuras 1 e 2. A Fig. 1 mostra que o Sujeito 1 encontra-se no nível pré-silábico. Já na Fig. 2, observamos que houve uma evolução na escrita, visto que no primeiro teste esse sujeito só fazia garatuñas e no segundo passa a utilizar letras e números, logo, concluímos que no primeiro teste apresentou uma escrita indiferenciada utilizando traços aleatórios onde há baixa diferenciação entre a grafia das palavras. No segundo teste o sujeito se utiliza de números e letras, evoluindo assim sua escrita para diferenciada, mas se mantendo no nível pré-silábico. Além disso, o sujeito mostrou um conhecimento em relação às normas, porque ele deixa de fazer rabiscos fora de ordem e passa a escrever esses símbolos conforme normas convencionais da escrita: dentro da linha e no sentido da esquerda para a direita.

Quanto ao Sujeito 2, Figuras 3 e 4, notamos que está, na Fig. 3, no nível alfabético e, na Fig. 4, obteve maiores avanços em relação à escrita, tendo assim, noções mais específicas sobre as normas que regulam o sistema da escrita, uso da letra maiúscula no início de frase e a utilização somente da letra cursiva. Porém se observa que ele apresentou algumas trocas ortográficas como a letra f pela v e a falta de algumas letras nas palavras.

Com relação à leitura da escrita pelos próprios sujeitos, observamos que o Sujeito 1 acertou duas palavras do segundo teste confundindo as outras o que é esperado para o nível pré-silábico onde a leitura é instável e o Sujeito 2 acertou ao ler as palavras solicitadas, sendo o esperado para o nível alfabético em que se encontra, visto que, nesse nível a grafia é facilmente compreendida por adultos.

4 CONCLUSÃO

Os resultados aqui expostos nos levam a acreditar que os sujeitos com SD passam pelos mesmos estágios de aquisição da escrita do que os sujeitos sem a síndrome (RANGEL, 2006). A coleta de dados fez-nos perceber que os episódios de distração são muito frequentes entre os sujeitos estudados, o que pode estar relacionado à memória auditiva. Segundo Bissoto (2005), os indivíduos com síndrome de Down apresentam uma memória auditiva de curto-prazo, sendo a memória visual mais desenvolvida. Então, é importante trabalhar com as atividades que chamem atenção desses indivíduos e principalmente utilizar o recurso visual.

Os dados revelam que os sujeitos alcançaram uma evolução no nível de aquisição de escrita e agregaram conhecimentos sobre o funcionamento do sistema, como uso de letra maiúscula.

A partir desses resultados percebemos que cada indivíduo possui a sua capacidade cognitiva individual e o seu tempo de aprendizagem, cabe aos educadores respeitarem o tempo de cada um e se adaptarem às novas formas de ensino.

5 REFERÊNCIAS

BISSOTO, Maria Luísa. Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. **Ciências & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 04, n. 02, p. 80-88, 2005.

FARIA, Maria Natália Mesquita de. **Alfabetização de crianças portadoras de síndrome de Down: analisando uma proposta de ensino**. 1993. Dissertação de Mestrado em Educação Especial - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, UFSCar, Dezembro de 1993.

FERREIRO, Emilia & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

RANGEL, Gilsonira de Alcino. Aquisição da escrita em crianças com síndrome de Down. **Alfabetização e Letramento**, Pelotas, v. 01, n. 03, p. 1-6, 2006.

